

Tradução



O século XIX frente às correspondências¹

José-Luis Diaz²

Brigitte Hervot (Trad.)

Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo / Brasil

biche@uol.com.br

Cláudia Valéria Penavel Binato (Trad.)

Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo / Brasil

claudiapbinato@uol.com.br

Será o século XIX o das correspondências? É isso que a atualidade do gênero epistolar, a qual permanece hoje amplamente dependente dele, nos levaria a dizer. Longe, entretanto, de aceitar tal preeminência, os especialistas dos dois “grandes séculos” anteriores falam em seu próprio interesse, não sem vantagens. Em 1895, em seu prefácio da obra *Choix de lettres du XVII^e siècle*, Gustave Lanson considera como não muito importante o tesouro epistolar do final do século – ainda escondido na sua maioria, como ele reconhece –,³ comparado ao do século de M^{me}

¹ Texto original: DIAZ, José-Luis. Le XIX^e siècle devant les correspondances. *Romantisme. Revue du dix-neuvième siècle*, n. 90, p. 7-26, 1995.

² Universidade Paris-Diderot et Société des études romantiques et dix-neuviémistes.

³ “Nossa decadência a esse respeito não é demonstrada. É preciso pensar que, se o século XIX é menos rico em cartas que seus antecessores, é porque esse século ainda continua, e porque as correspondências íntimas, pela própria definição delas, escapam ao conhecimento do público. Só depois da morte dos principais interessados que se publicam em geral as correspondências. Várias cartas charmosas do século XVII só foram conhecidas hoje: cada ano tem suas descobertas e tornam famosos mortos de duzentos anos. Quem sabe se o próximo século não terá suas revelações?” Cabe a Lanson de relacionar o “tesouro de cartas contemporâneas”: Napoleão, Talleyrand, Joubert, Constant, M^{me} de Rémusat, Courier, Jacquemont, Lamennais, Balzac, Doudan, G. Sand, Mérimée, Quinet, etc. (“Sur la littérature épistolaire”, introdução à *Choix de*

de Sévigné. Georges May, por sua vez, consagra um belo artigo que responde a essa pergunta-título: “A literatura epistolar data do século XVIII?”⁴ A resposta é, como de se esperar, afirmativa para a explicação – ligeiramente ilusória – de que haveria evidente cumplicidade entre o século da liberdade e a liberdade do gênero epistolar.

Em finais de séculos, serão esses chauvinismos vãos? Talvez. Mas, neste momento em que a nossa sociedade se mobiliza para um colóquio internacional sobre “A invenção do século XIX”, talvez não seja tão inútil dedicar um número de *Romantisme* para discutir de forma geral a relação do “nosso” século com “o gênero epistolar”. Questão bastante pertinente, já que esse modo cavalheiro de proceder permite contrabalançar, desta vez, o tranquilo “um por um” monográfico que é o pedacinho ao qual convidam as correspondências.

É o próprio século XIX, ávido por sínteses históricas, que se perguntou acerca de sua relação com o gênero epistolar. E, muitas vezes, viveu essa relação – como no caso de Lanson – no nível do complexo de inferioridade: o século XIX sente-se pequeno em comparação com o de Voltaire. Diante do século anterior, talvez não mais livre do que ele, mas certamente mais mundano, portanto, mais adequado para cultivar essa aristocrática “estética da negligência”⁵ considerada durante muito tempo o *nec plus ultra* do *savoir-faire* epistolar, o século romântico certas vezes se lembrou de que era também um vil século burguês... Isso explica a generosidade “senhorial” manifestada por Barbey d’Aurevilly quando reconhece que “a Correspondência”, essa “fonte amada do século XVIII que foi algumas vezes um néctar”, foi efetivamente uma especialidade do século passado:

A correspondência é, de fato, o talento próprio do século XVIII. Nenhum século tem mais cartas que ele no seu acervo literário. Nem antes, nem depois, nenhum século escreveu mais cartas que o século XVIII [...]. Fez um uso excessivo delas, como de tantas coisas. A

Lettres du XVII^e siècle, Hachette, 1895, retomado em *Essais et méthodes de critique et de história literária*, apresentados por Henri Peyre, Paris, Hachette, 1965, p. 278-279).

⁴ Seu artigo (*Studies on Voltaire*, v. LVI, 1967, p. 823-844) dedica-se a saudar as grandes edições de correspondências então quase terminadas: Voltaire (Théodore Bestermann), Rousseau (Ralph A. Leigh) et Diderot (Georges Roth).

⁵ Sobre esse tema, ver Roger Duchêne, “L’esthétique de la négligence: le cas particulier de la lettre”. *Écrire au temps de M^{me} de Sévigné*, Paris, J. Vrin, 1981, p. 47-61.

carta era uma forma do pensamento que esse século adorava. O romance do tempo, o romance loucura, o romance usurpador de glória, o romance que não deixava as duquesas vestidas saírem e irem ao baile, *La Nouvelle Héloïse* é escrito em cartas [...].

Fica difícil discordar de tal julgamento sustentado por uma análise inspirada.⁶ Mas observamos, contudo, a que ponto a opinião desse mestre das elegâncias epistolares tornou-se tributária daquilo que era então um florescente mercado editorial de correspondências e se abeberava em grande parte no “néctar” do século anterior.⁷ Moralidade? Se quiser dar a esse debate histórico bases mais sadias, deve-se levar em conta o fato de que as correspondências são objetos complexos: objetos em parte diferidos, destinados, em um segundo tempo, a um consumo póstumo. Uma quádrupla temporalidade as afeta: a de sua *produção-circulação* inicial; a de sua circulação sob forma de cópias manuscritas; depois,

⁶ Barbey demonstra que a correspondência combinava muito bem com a forma de pensar do século, sobretudo porque era a forma mais apropriada para expressar a efervescência inquieta e libertina dos pensadores após uma época de rigor. Enquanto M^{me} de Sévigné e M^{me} de Maintenon foram “toda a *epistolatura*” de um século “com grandezas públicas, que tinha mais do que fazer do que se olhar na alma”, no século XVIII, ao contrário, “homens e mulheres fugiram e se atiraram nas correspondências; nessa forma de cartas em que o eu rola como a mula na grama e pode se deitar à vontade. As mulheres, sobretudo, esses Narcisos de seus sentimentos, olharam-se nas cartas como em um espelho, mas os próprios homens foram logo os Sardanapalos desse espelho. As cartas foram talvez, naquele momento, o melhor da literatura”. Notamos, contudo, que Barbey “romantiza” um pouco demais o Século das Luzes, projetando nele uma concepção romântica do gênero epistolar que vale para Julie de Lespinasse ou para Diderot e não para Voltaire (“Correspondance inédite de la comtesse de Sabran et du chevalier de Boufflers”, *Le Constitutionnel*, 17 de março de 1875, retomado em *Les Œuvres et les Hommes, Littérature épistolaire* – doravante abreviado em *Litt. épist.* –, Paris, Alphonse Lemerre, 1892, p. 259).

⁷ A esse respeito, nós mesmos estaríamos, portanto, certos ao conceder a preeminência ao século XIX, pois, apesar de uma relativa aceleração da história, nossa atualidade epistolar permanece de fato, na sua maioria, a do século anterior, como gostava de observar um erudito tão experiente como Jean Pommier. Extraía disso a consequência radical que “o século XX era o século das correspondências”. Ver o testemunho de Roger Pierrot (“Éditer une correspondance”, em *L’Œuvre de l’auteur, Études sur la correspondance de Flaubert*, Presses Universitaires de Vincennes, col. “Essais et savoirs”, 1993, p. 21).

para as poucas que merecem, a de sua *publicação*; seguida, enfim, para alguns raros eleitos, de sua *consagração* ao entrar no Panteão literário. É somente nesse momento que, mudando radicalmente de natureza, as cartas se transformam em “literatura epistolar”.⁸ Distinções que foram até agora negligenciadas, sem dúvida, por causa de nossa tendência em considerar espontaneamente as cartas como simples documentos biográficos, indignos da consagração literária (ao contrário do que se praticou no século passado).⁹

Literatura epistolar

Se, em matéria de “correspondência”, não se sabe qual dos dois séculos, candidatos à preeminência, merece os louros, em matéria de “literatura epistolar”, é de fato o século XIX que parece estar em melhor posição: por causa, não tanto de seu suposto “talento” epistolar, mas da industrialização das editoras, as quais, ao se aproveitar do interesse *voyeuriste* do público pela “vida privada”, multiplicam as edições de correspondências. Resta fazer uma correção a essa constatação – e que muda bastante as coisas, há de se convir: a literatura epistolar instaurada pelo século XIX, a título de produção editorial regular, foi em grande parte tirada do século anterior.

Mas, vamos deixar de lado essa contribuição do Século das Luzes para a “glória epistolar” de seu sucessor. Essa “invenção” de uma verdadeira “literatura epistolar”, instalando-se no “tesouro das letras” e contribuindo para modificar o equilíbrio geral, é de fato um “acontecimento” característico do século XIX. “Acontecimento” esse

⁸ Retomo a frase expressiva que serviu como título ao volume no qual, em 1892, foram reunidas as principais recensões críticas que Barbey de Aureville dedicou às edições de correspondências. Nas contribuições desse mesmo volume, Barbey fala correntemente dos “escritores epistolares”. É também da “literatura epistolar” que trata o estudo de Lanson.

⁹ Resta escrever uma história da “literatura epistolar” que seguiria a curva da constituição em *corpus* das grandes correspondências lendárias: Cícero, M^{me} de Sévigné, Voltaire, Diderot, etc. As pesquisas disseram respeito, essencialmente até agora, a M^{me} de Sévigné. Ver NIES, Fritz, *Gattunspoetik und Publikumstruktur. Zur Geschichte der Sévignébriefe*, München, 1972, e também o colóquio da SHLF sobre a fortuna de M^{me} de Sévigné (Paris, novembro de 1995). Para os séculos clássicos, uma síntese indispensável é dada pelo estudo de Janet Altman, citada em nossa introdução.

reforçado por outras evoluções concomitantes que contribuem para dar a esse século um lugar de destaque em matéria de gênero epistolar.

A primeira é o desenvolvimento quantitativo sem precedente das trocas postais que multiplicou o fluxo global das cartas: vitória para a quantidade! A segunda é a aceleração industrial da produção de *secretários* epistolares à qual se assiste e cuja evolução pode ser acompanhada no estudo muito bem documentado de Cécile Dauphin.¹⁰ Encontra-se aí o sinal evidente de uma tentativa de dominação simbólica pela classe média, com fins de sucesso pessoal, de um instrumento de comunicação (e, portanto, de poder) obscuramente sentido como sendo de origem aristocrática. Enfim, o século XIX caracteriza-se também por uma outra tendência, que em parte é a causa dessa expansão editorial: a generalização da aprendizagem sistemática da arte epistolar no âmbito das diversas instituições de educação, em particular as destinadas aos “jovens”. A impressionante lista de manuais epistolares, reunida por Cécile Dauphin, testemunha esse grande movimento pedagógico, do qual permaneceu, na primeira metade de nosso século, o costume – hoje, cúmulo do obsoleto – de propor narrações e dissertações em forma de cartas. Seu próprio título indica o uso escolar de uma boa parte deles.

Se cabe aos historiadores explorar essa tripla mutação, convém, realmente, a nós “literatos” tomarmos consciência do duplo acontecimento que o desenvolvimento das edições de correspondência e a sua entrada no Panteão literário constituíram. Sua consagração é marcada pelo espaço substancial que a crítica, seguida pelos manuais de história literária do tempo, cede à literatura epistolar: Sainte-Beuve e Barbey d’Aurevilly, por um lado, Villemain, Nisard,¹¹ Brunetière e Lanson, por outro. Com exceção de M^{me} de Sévigné, os manuais de hoje, em contrapartida, negligenciam soberbamente a produção epistolar,

¹⁰ “Les manuels épistolaires au XIX^e siècle”, em *La Correspondance. Les usages de la lettre au XIX^e siècle*, obra coletiva sob a direção de Roger Chartier, Fayard, 1991, cap. IV, p. 209-272.

¹¹ Uma pesquisa nos tomos III e IV da *Histoire littéraire de la France* de Désiré Nisard (1849-1861), esse “reacionário” em política como em literatura, possibilita perceber a posição concedida à M^{me} de Sévigné (15 páginas no t. III, dividida, é verdade, com Saint-Simon), e à correspondência de Voltaire (9 páginas no t. IV). Esta última é apreciada, certamente, porque possibilita o acesso ao “homem”, e porque é “o mais charmoso, o menos contestado dos títulos de Voltaire”, mas é situada abaixo da de Cícero, porque menos preocupada com os valores familiares.

porque eles a consideram como fora do “espaço literário” no sentido estrito, recortado de outra forma (com um privilégio que podemos julgar exagerado em favor dos textos de ficção, teatro e romance).¹² Para os pioneiros da história literária que orientavam então a doutrina pedagógica dominante, reconhecer a importância das qualidades da arte epistolar era, ao contrário, uma tradição. Cícero, Plínio, M^{me} de Sévigné, seguida por sua sombra, M^{me} de Maintenon – promovida educadora de todas as crianças da França –,¹³ Voltaire, Rousseau, todos são os grandes nomes daquilo que surge então como uma importante província da literatura “clássica”, como mostram as “quartas capas” dos antigos volumes encadernados das edições Charpentier, Garnier frères e Michel Lévy. Esses “epistolares” (como então se dizia) eram dados de bom grado como “modelos” aos alunos, sobretudo porque os programas os obrigavam a aprender como redigir cartas. Mas houve também duas razões complementares desse interesse pedagógico pelas correspondências. A primeira é que o corpo professoral do secundário, clássico por gosto, apreciava dar como exemplo a divina fluência de M^{me} de Sévigné e de Voltaire, para opô-lo às nefastas contorções estilísticas da língua literária da época. A segunda é que os universitários do “ensino superior” obedeciam aos reflexos da história literária emergente, que, desde Sainte-Beuve, se acostumaram a depurar os documentos epistolares.

Eis a novidade fundamental, pois no gosto que o século XIX manifesta pelas correspondências, pesa muito o respeito de historiador para com esses “documentos pessoais”. A carta que o século XIX idealiza não é mais essa mídia esperta que permitia, à vontade, confidências e felizes negligências, como a considerou o século de Voltaire. Como o século XIX é o século da historização generalizada dos fenômenos e dos enunciados, a carta – inclusive o bilhete que se escreve logo de manhã –

¹² A prática do século XIX era diferente a esse respeito, e a proporção *ficção/não ficção* menos desproporcional do que hoje. O movimento de “intransitivização” da literatura agravou-se atualmente, a ponto de reconhecer que não há nenhum diálogo possível entre escritores (limitados ao papel de carteiros da ficção) e intelectuais e/ou críticos. Talvez seja a hora de reagir...

¹³ Como mostrou o livro de Antoine Compagnon, *La Troisième République des Lettres*, Seuil, 1983. Ver também o relatório que Sainte-Beuve dedica à edição em dez volumes fornecida por Th. Lavallée das *Lettres sur l'éducation des filles*, por M^{me} de Maintenon (1854), *Causeries du Lundi*, t. XI, p. 105 e seguintes.

é desdobrada: registro emocionante do instante efêmero é, de antemão, também “espaço de memória”.

A carta não é mais simples substrato ocasional de troca; torna-se objeto de coleção. São pedaços de cartas que constituem o essencial do tesouro de “autógrafos” que qualquer dona de casa um pouco sofisticada tem de reunir em seu “álbum”, como garantia de suas pretensões de “mulher superior”. Por isso, o cromo da bela colecionadora de salão, mendigando de seus *galanteadores* literários algumas migalhas caídas de suas caixas de correio: frequentemente simples pedidos de entradas de espetáculo, mas da autoria de um mestre no topo na hierarquia das adulações. No supremo grau dessa escala, há o inestimável cofre de M^{me} la Comtesse de Castelbajac. E entendemos a emoção que ela suscita na envelhecida “Occitânica” de Chateaubriand, devotamente fiel a seu esposo, mas abrindo, sempre tremendo, o tesouro postal que recebeu na sua juventude de um elegante sexagenário (1829).¹⁴

Esses instintos de colecionador não se restringiram às mulheres. O bom Theo lembra-se com emoção da “Caixa verde” que, durante muito tempo, conteve as cartas de seus cúmplices Jeunes-France.¹⁵ E basta citar os simples nomes de Feuillet de Conches e do Visconde de Lovenjoul para lembrarmos que as coleções de autógrafos epistolares, exceto seu valor sentimental, começaram então a adquirir também um valor mercantil. Relativo de certo – já que se conhece o baixo preço das aquisições fabulosas do “caro visconde”, que fazem os colecionadores de hoje babar de inveja –, mas, contudo, crescente. O que aumenta a dignidade dessas coleções é o interesse novo que lhes concedem os historiadores e os críticos. De simples brinquedos de “antiquário”, as cartas elevam-se à dignidade de objetos históricos. Por isso, a atenção mais escrupulosa que lhes dão os colecionadores familiares que se transformam em historiógrafos de sua linhagem. Por isso, também os

¹⁴ Ver Léontine de Villeneuve, Comtesse de Castelbajac, *Mémoires de l'Occitanienne. Souvenirs de famille et de jeunesse*, Paris, Librairie Plon, 1927.

¹⁵ Ver Théophile Gautier, *Histoire du romantisme*, [1874] “Les Introuvables”, p. 82 e seguintes. “La force de la lettre”, como nota Gautier, é que ela diz: “Remember!” (p. 87).

falsários – o célebre Vrain-Lucas,¹⁶ ou Arsène Houssaye.¹⁷ Por isso, sobretudo, a propensão dos editores em procurar, no estoque epistolar, cópia gratuita e publicações picantes.

Para essas pesquisas bibliométricas que estão começando a ser feitas hoje, é um belo programa constatar, com métodos fiáveis, a crescente importância, no decorrer do século, das edições de correspondências. Enquanto isso é preciso se contentar com esses sinais esparsos que testemunham essa moda editorial. Por falta de dados, a impressão dos críticos, esses observadores profissionais dos fluxos editoriais, revela-se. Eles esboçam, grosso modo, uma cronologia; deixam entrever uma progressão regular, da qual observaremos, aqui, apenas dois tempos fortes.

Duas explosões de correspondências

Muito tempo após a época de sua difusão, Sainte-Beuve lembra-se das edições que, por volta de 1806 (data de seu próprio nascimento), saíram, em um tiro certo, das prensas da livraria Leopold Colin:¹⁸ com certeza, um momento privilegiado, por ter ficado, assim, legendário. Os anos seguintes a esse período do Império são férteis em acontecimentos editoriais da mesma ordem. Em 1812, o *Mercur*e atesta isto: “as correspondências familiares, as memórias particulares estão muito em moda”.¹⁹ É verdade que o interesse do público é então alimentado por iguarias. Opinamos sobre isso com base nas coletâneas que, por volta de 1810, estão na mesa de Sismondi, como o revela

¹⁶ A condenação desse célebre falsário (acusado de ter vendido cartas apócrifas ao academicista Michel Charles) data de 17 de fevereiro de 1870. Ver Georges Girard, *Le Parfait Secrétaire des grands hommes, ou les lettres de Sapho, Platon, Vercingétorix, etc., mises au jour par Vrain-Lucas, avec quatre fac-similés*, Paris, La Cité des livres, 1924.

¹⁷ Denunciado tanto por George Sand (*Correspondance*, éd. G. Lubin, t. XVIII, p. 113-114) quanto por Edmond de Goncourt (*Journal, Mémoires de la vie littéraire*, Paris, Robert Laffont, col. “Bouquins”, t. III, p. 262).

¹⁸ “Reimprimia-se e publicava-se então, em torno de 1806, na editora Léopold Colin, uma quantidade de cartas do século XVII e do início do século XVIII, de M^{lle} de Montpensier, de Ninon, de M^{me} de Coulanges, de M^{lle} de Launay, etc.; M^{lle} de Meulan fala das cartas como teria feito uma das citadas, como se ela fosse contemporânea delas com um pouco de atraso [...]” (“Madame Guizot (née Pauline de Meulan)”, *Portraits de femmes* [1844], Paris, Garnier frères, [s.d.], p. 232).

¹⁹ *Mercur*e de France, 30 de maio de 1812, p. 403.

sua própria correspondência com M^{me} de Albany: as *Lettres* de M^{lle} de Lespinasse (1809), as *Lettres et pensées* do príncipe de Ligne, publicadas por Germaine de Staël (1809), a correspondência de M^{me} du Deffand com Walpole (1810).²⁰ É a época (1813) em que se publica a *Correspondance* de Grimm que, apesar de seu estatuto especial, parece participar, de fato, do mesmo fenômeno.²¹ E é todo esse período do Império e o da Restauração que se caracterizam por um fluxo editorial de correspondências e de memórias do século anterior, as quais enfim saem das caixas de papelão.²² No final das três primeiras décadas do século, a publicação das cartas de Diderot à Sophie Volland (1830) é uma data-chave. Ao coincidir com a redescoberta de seus *Salons*, é o sinal de um renascimento para Diderot, mas também de uma romantização utópica do gênero epistolar, possibilitada pela prosa rapsódica do mais artisticamente comovido dos “filósofos”. Sainte-Beuve não perde a chance de saudar o acontecimento em um artigo que supostamente serviu de mensagem criptográfica mandada a Adèle Hugo.

O prazer perdura, perdura também a emoção sob o Segundo Império. Os séculos XVII e XVIII continuam servindo como reservas sem fundo, perseguidas em seus recantos. Mas começa-se também a ver surgir as cartas das celebridades do início do século: Paul-Louis Courier (1852), Leopold Robert (1854), Stendhal (1855), Balzac (1856-1858), Lamennais (1858), Napoleão I^{er} (1858-1869), Béranger (1860), Tocqueville (1861-1865), Eugénie de Guérin (1864), Proudhon

²⁰ É Sainte-Beuve que comenta o fato no artigo que dedica a Sismondi, em seus *Nouveaux Lundis* (“Sismondi. Fragments de son Journal et Correspondance. Lettres inédites à M^{me} de Albany”, 2^o artigo, 14 de setembro de 1863, t. VI, p. 52). Doravante, utilizaremos as abreviações seguintes: *CL* para as *Causeries du Lundi* e *NL* para os *Nouveaux Lundis*.

²¹ Assim testemunha o comentário feito pelo *Mercur*: “Toda a nação poética tremerá se se publicar ainda semelhantes coletâneas de cartas” (outubro de 1812, p. 119).

²² Em 1818, são publicadas duas edições concorrentes da correspondência de Galiani com M^{me} de Épinay (ver *CL*, t. II, p. 440); em 1820, as cartas escritas de Cirey por M^{me} de Grafigny sobre o casal Voltaire-M^{me} du Chatelet; o ano seguinte, as cartas de M^{lle} Curchod (a futura M^{me} Necker) a M^{me} de Brenles: *Lettres diverses recueillies en Suisse*, pelo Conde Fédor Golowkin, Genève, 1821 (ver *CL*, t. IV, p. 245). Publicadas parcialmente desde o século precedente, as coletâneas das cartas de Rousseau e de Voltaire ampliam-se, graças ao trabalho dos eruditos: Musset-Pathay, o pai de Alfred, no que diz respeito a Rousseau (1821).

(1865),²³ Marceline Desbordes-Valmore (1869), etc., o que não deixa de acrescentar ao gênero epistolar um tempero de atualidade.

Começam então surgir os reflexos cientificistas que serão os da história literária. Os eruditos estão presentes e coniventes com os simples amadores. Felicitam-se os editores por textos mais seguros, por notas e por “prefácios” que precedem os textos que publicam, tudo com o objetivo de colocar discretamente à disposição do leitor “tudo aquilo que ele deve saber para primeiramente se sentir bem nesta boa companhia, para compreender subtendidos as alusões e os gracejos habituais”.²⁴ Em matéria de edições de correspondências, o valor das fontes manuscritas aumenta. Encantado por poder deflorar, sozinho, fundos de arquivos privados, Sainte-Beuve testemunha de modo exemplar o clima desse novo período para cuja definição ele dá grande contribuição. Como se quisesse ocupar todo o espaço, ele transforma-se também em conselheiro editorial e em autor de prefácio: maneira de se atribuir com exclusividade o papel de “grande *legitimador*”. Operação bem-sucedida, pois, em matéria de literatura epistolar, é ele de fato que, durante muito tempo, controla boa parte do território, esperando que outros mais espertos venham balançar seu império: Barbey de Aurevilly ou os Goncourt.

Ainda tímidas, algumas preocupações quanto à autenticidade começam a nascer. Primeiramente, Sainte-Beuve recebe com avidez a autorização que Feuillet de Conches lhe dá para mergulhar nos documentos de Hubert Robert,²⁵ depois se volta contra esse hábil colecionador. Denuncia-o, quando percebe que algumas das pretensas cartas autografadas de Marie-Antoinette, publicadas por ele, são falsas. Graças à M. d’Arneth, uma edição, publicada em Viena, que se abebera nas verdadeiras fontes, acaba, com efeito, de revelar a manipulação de um “orador hábil”. Quanto a Sainte-Beuve, bom perdedor, só lhe restava notar que “na Antiguidade, esses tipos de falcatruas eram frequentes e constituíam, até mesmo, um tipo de literatura epistolar não de todo

²³ Ver o estudo de Sainte-Beuve, “Proudhon étudié dans ses correspondances intimes”, *Revue contemporaine*, outubro-novembro-dezembro de 1865, depois em *P.-J. Proudhon, sa vie et sa correspondance, 1838-1848*, Michel Lévy, 1872.

²⁴ Sainte-Beuve, “*Correspondance inédite de Madame du Deffand*”, 9 de maio de 1859 (*CL*, t. XIV, p. 219).

²⁵ “*Léopold Robert, sa vie, ses œuvres et sa correspondance*, par M. F. Feuillet de Conches”, 1º artigo, 24 de agosto de 1854 (*CL*, t. X, p. 410).

desprezível”, e jurar que não se deixaria mais enganar. É a ocasião para ele citar de forma elogiosa um artigo de Gaston Paris publicado na *Revue critique*, e acatar a regra de prudência científica exposta por esse pioneiro dos estudos medievistas.²⁶

Apesar de certas aparências, Sainte-Beuve não pertence realmente a essa geração de historiadores da literatura que abre o caminho para aquilo que será o lansonismo. Esses jovens da Sorbonne e da Escola Normal lhe escrevem com fervor, reconhecem-no como um mestre; mas, ele se mantém à distância. Seduzido por seu jovem colega Gandar, revolta-se quando um desses moços, autor de uma copiosa tese na Sorbonne, vangloria-se de ter editado a correspondência de M^{me} des Ursins. Sua introdução é escrita em uma língua que faz todas as epistológrafas do Grande Século se revirarem no túmulo.²⁷

A posição de Sainte-Beuve é ambígua também no que concerne à edição – fiel aos originais e cheia de vida – das cartas de M^{me} de Sévigné que Adolphe Régnier publica, em 1861 (para substituir a velha edição de Monmerque, imposta como regra no decorrer do século). Admirando esse texto mais vivo e mais cru, cita passagens que o satisfazem: aquelas que exageram o lado rústico dessa “boa comadre” bem francesa e aquelas que permitem reencontrar, sob os arranjos da edição Perrin, “as naturais e divinas negligências de um autor encantador que nunca sonhara em ser autor”.²⁸

²⁶ “Quando documentos, de qualquer natureza que seja, que se apresentam sem garantias absolutas, são justamente aqueles que, de acordo com nossos conhecimentos, poderíamos ter fabricado ou que teríamos simplesmente esperados, esses documentos são quase sempre falsos”(Gaston Paris, artigo do 6 de outubro de 1866, citado por Sainte-Beuve, em “Marie-Antoinette. *Correspondance inédite* publiée par M. le Comte Paul Vogt de Hunolstein (suite et fin)”, 22 de agosto de 1864, *NL*, t. VIII, p. 382). Todo apêndice do artigo deve ser lido em razão da narrativa que Sainte-Beuve faz de sua descoberta da fraude.

²⁷ Ele se chama François Combes e “fez da princesa des Ursins o tema de uma dessas teses conscienciosas da Faculdade de Letras que se tornam tão facilmente livros”. Mas Sainte-Beuve irrita-se: “porque, quando se é tão familiar com as personagens do século XVII, quando se adentra tanto em sua conversação e sua correspondência, porque escrevemos de uma forma que lhes é tão estranha, que lhe seria tão antipática? (“La Princesse des Ursins. Ses lettres inédites...”, 8 de agosto de 1859, *CL*, t. XIV, p. 264-267).

²⁸ “Lettres de Madame de Sévigné, édition nouvelle publiée sous la dir. de M. Ad. Régnier, d’après les manuscrits et les copies les plus authentiques, avec une notice biographique par M. Paul Menard” (16 de dezembro de 1865, *NL*, t.I, p. 292). Esses

Porém, em uma digressão nostálgica, ele confessa entender mais ou menos a resistência dos velhos eruditos, seus colegas, incomodados com “esses pequenos tremores de terra ou de texto” em sua costumeira admiração.²⁹

O próprio Sainte-Beuve se policia quando uma edição não expurgada das Memórias de M^{me} Roland restabelece passagens escabrosas;³⁰ e mostra-se bastante prudente quando, em 1869, publica em seus *Portraits contemporains* trechos escolhidos a dedo das cartas que ele recebeu de George Sand: “É demasiado vivo, demasiado sincero, demasiado cheio sobretudo de nomes próprios, para poder ser dado por inteiro”.³¹ Isso só confirma uma constatação que se faz frequentemente: “Nada é menos intacto, menos *original* que a carta nas coletâneas do século XIX”.³² Essa infidelidade sistemática aos autógrafos choca-se com nossos princípios: na mente dos contemporâneos, era o preço a pagar para permitir a esses documentos privados “adentrar na literatura”.

Qual o discurso sobre o gênero epistolar?

Em quais representações se baseia esse gosto pelo gênero epistolar manifestado no século XIX? Há um imaginário sobre as correspondências

dois volumes (os únicos então à venda dos 14 volumes que deviam incluir a edição das cartas de M^{me} de Sévigné) são os primeiros da Collection des grands écrivains de la France, lançada então pela livraria Hachette.

²⁹ “Algumas vezes, eu também sou como vocês, surpreendo-me lamentando que tudo não seja definitivo nesse mundo das letras, que é para nós um asilo e um tipo de Eliseu terrestre. Por que remexer sem cessar com os eruditos alemães o texto de Homero? [...] Cheguei às vezes a lamentar que o livro destinado a se tornar clássico, uma vez vindo à luz, uma vez entregue ao público e impresso, não se destruíssem todos os manuscritos, todos os meios de um controle eterno e renascido: que não houve um regulamento definitivo e um acerto de contas que possibilitou toda segurança e inteira plenitude à admiração. Mas, não, nada de preguiça, é melhor [...] Não vamos nos congelar no clássico, vamos sempre nos banhar nele” (*NL*, t. I, p. 286). – Belo tema de meditação para nossos atuais “geneticistas”...

³⁰ Onde Manon confessa as agressões sexuais que sofreu na juventude por parte de um funcionário de seu pai (ver o artigo sobre as “Mémoires de M^{me} Roland, publiés d’après les manuscrits”, 4 de julho de 1864, *NL*, t. VIII, p. 193).

³¹ *Portraits contemporains*, Paris, Calmann Lévy, 1891, t. I, p. 507.

³² Alain Pagès, “Stratégies textuelles de la lettre à la fin du XIX^e siècle”, *Littérature*, n° 31, 1978, p. 110. Esse artigo constitui um bom panorama do estatuto literário das correspondências no fim do século.

um tanto unificado ou, ao contrário, diversos “discursos” heterogêneos? Esses discursos estão de acordo com a tradição crítica quanto a essa questão, ou eles demonstram, ao contrário, certa originalidade? Somente uma resposta a essas indagações permitirá definir o clima que acompanhou a ascensão da “literatura epistolar”. É muito fácil responder, sobretudo porque os críticos literários da época, muito assíduos em seguir as edições de correspondências, são também bastante eloquentes a respeito de sua própria filosofia da carta. Assim, mostram o controle ativo que eles exercem sobre os desenvolvimentos de um continente literário para cujo recorte eles contribuem fortemente. Sem a sanção dos melhores dentre eles – Sainte-Beuve e Barbey de Aureville, os mais notórios, mas também Lamartine e os Goncourt –, as cartas permaneceriam simples documentos. Graças à intervenção dos mestres da crítica, elas começam a constituir um “gênero” de literatura, e mais ainda, um tipo de novo paradigma intelectual.

Resistências

Contudo, nem por isso se deve acreditar que essa fome de correspondências não teve contrapartida. As resistências são inúmeras no decorrer do século. Dizem respeito tanto às edições de correspondências e aos romances por cartas, quanto ao “estilo epistolar” propriamente dito.

Não são raros então os escritores que, como Rousseau, acham de bom tom declarar sua inaptidão para redigir uma simples carta: Chateaubriand, Renan, Baudelaire, Mallarmé.³³ Suas orgulhosas

³³ Chateaubriand proclama seus “desgostos pelo gênero epistolar” (*Correspondance*, Gallimard, t. I, 327). Renan tem vergonha de suas cartas e teme a sanção da posteridade: “Quanto à minha correspondência, será minha vergonha após minha morte se for publicada. Escrever uma carta é para mim uma tortura. Entendo que se exiba diante de dez ou diante de dez mil pessoas, mas não diante de uma pessoa!” (*Souvenirs d'enfance et de jeunesse*, Le livre de Poche, p. 102). Baudelaire confessa à M^{me} Aupick que uma “carta [lhe] é mais difícil de escrever que um volume”. Mallarmé exclama um dia: “Abomino as cartas”. Todos seguem o exemplo de Rousseau, que explica, em suas *Confessions*, sua impaciência diante desse “gênero do qual [ele] nunca conseguiu pegar o tom e cuja prática tortura-o”: “Não escrevo cartas sobre quaisquer assuntos sem que isso me custe horas de cansaço ou se quero escrever logo o que me vem, não sei nem começar, nem acabar, minha carta é uma longa e confusa verbosidade: quase não se entende quando se lê” (Livre III).

proclamações de impotência valem como denúncia surda de um “gênero” famoso por ser demasiado sociável. Bom para os “fúteis” o “estilo epistolar”! Considerado, durante muito tempo, expressão dos salões aristocráticos, os românticos viam-no com maus olhos. Com uma frase lacônica, Vigny ataca a aridez da correspondência de M^{me} de Sévigné: “É um salão que ela narra a um outro salão”.³⁴ George Sand – que também não “gosta muito” dela – qualifica em algum lugar as cartas como “escritas sem objetivo e sem alcance que servem para matar o tempo nas relações das pessoas da sociedade”.³⁵ Em Flaubert,³⁶ em Hugo³⁷ a ideia de “estilo epistolar” diverte, quando associada à imagem pouco gratificante de uma feminidade senil, que repete futilidades e se satisfaz com elas. Estilo para senhoras de idade! Mas é Maupassant que, de modo oposto, dará o grito mais dissonante:

Não posso escrever essas palavras pretensiosas sem que apareça a figura de meu professor do colegial que costumava nos dizer que o estilo epistolar era uma das glórias da França. Nós franceses, possuímos isso como temos o vinho Bordeaux e o Champagne. Estaria, contudo, propenso a acreditar que um tipo de filoxera literária atacou também esse ramo do gênio nacional. Assim, o estilo epistolar nos pertence, e M^{me} de Sévigné o tornou perfeito. Portanto, glória ao estilo epistolar, um tipo de tagarelice escrita, familiar e espirituosa que permite expressar com agrado coisas banais que as pessoas bem-educadas tinham o dever de comunicar a seus amigos, de vez em quando.³⁸

³⁴ *Journal d'un Poète*, em *Œuvres complètes*, Paris, Gallimard, “Bibliothèque de la Pléiade”, t. II, p. 1142.

³⁵ *Mademoiselle de La Quintinie*, Genève, Slatkine, col. “Ressources”, éd. de Simone Balayé, p. 99.

³⁶ Ver a definição irônica que o *Dictionnaire des idées reçues* dá do “Estilo epistolar”: “Tipo de estilo exclusivamente reservado às mulheres”.

³⁷ Ver em seus blocos (*Feuilles paginées III, 1834-1837*) suas zombarias em relação às “cartas de mulheres escritas por Ballanche”: “estilo epistolar de homem idoso que faz a barba a isso e que as veste de mulher” (*Œuvres complètes*, Club français do livro, t. V, p. 1009).

³⁸ “Le style épistolaire”, crônica publicada em *Le Gaulois* de 11 de junho, de 1888, retomada em *Choses et autres, Choix de chroniques littéraires et mondaines (1876-1890)*, éd. de Jean Balsamo, Le Livre de Poche classique, 1993, p. 88-93.

Se é preciso esperar o fim do século para encontrar essas revoltas de aluno de colegial contra o adestramento escolar “à correspondência”, rapidamente, a partir do início do século, ouvem-se zombarias contra os secretários epistolares – ridicularizados pela maneira sentenciosa com que programam a escrita do amor –,³⁹ e contra o romance por cartas. Foi dito frequentemente que, nessa época, o gênero estava em declínio, ao passo que, no século anterior, havia sido um dos pilares da hegemonia epistolar. Só sobrevive às custas de uma mutação profunda, que transforma os pretensos romances por cartas em eternas monodias solitárias, apenas “endereçadas”, conforme o modelo do *Oberman* de Sénancour ou das *Lettere di Jacopo Ortis* de Foscolo. Porém, quanto a suas manifestações tradicionais, o gênero é, doravante, suspeito porque prolixo e artificial. Por essa razão, provocam os sarcasmos de Hugo⁴⁰ ou de Balzac⁴¹ (o qual, entretanto, se vangloria de ter um verdadeiro talento epistolar em seus romances.

A mania dos “amadores de autógrafos” não deixa também de ter censores. Sainte-Beuve não é o último a alfinetá-la, ao denunciar às vezes “a superstição histórica e biográfica que está ligada às menores cartas e bilhetes de personagens célebres, às assinaturas, às relíquias insignificantes”.⁴² Mais marcada ainda é a resistência às edições de “correspondências particulares” contemporâneas, denunciadas como exibicionistas. Sainte-Beuve declara-se reticente a elas, quando um de seus correspondentes requer sua colaboração

³⁹ Se Julien Sorel está pronto para pegar sem constrangimento em um dos “seis volumes de cartas de amor manuscritas” que lhe é proposto para ter sucesso em suas conquistas amorosas, Musset ridiculariza os *Secrétaires des amants* que se multiplicam então e que se chocam com sua religião romântica do amor (*Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée* [1845], *Théâtre complet*, Gallimard, Pléiade, 1968, p. 667-668).

⁴⁰ Ele compara “as produções epistolares com essas laboriosas conversações de surdos-mudos que se escrevem reciprocamente o que têm para se dizer, de forma que sua cólera ou sua alegria deve sempre ter a pluma à mão e a escrivadinha no bolso” (“*Quentin Durward*, par sir Walter Scott”, *La Muse française*, julho de 1823, *Œuvres complètes*, CFL, t. II, p. 434.)

⁴¹ “O desejo de animar suas criações lançou os homens mais ilustres do século passado na prolixidade do romance por cartas”, nota o Prefácio do *Lys dans la vallée* (*La Comédie humaine*, éd. P.-G. Castex, “Bibliothèque de la Pléiade”, t. IX, p. 915). Em outra parte, Balzac zomba “dessa imensa coleção de cartas pelas quais o século XVIII foi inundado” (*Les Deux Amis*, *op. cit.*, t. XII, p. 679).

⁴² “Lettres inédites de Michel de Montaigne...”, 9 de novembro de 1863 (*NL*, t. VI, p. 239).

para publicar as cartas de uma parente sua, conforme o modelo das *Lettres d'un voyageur* de George Sand.⁴³

Embora fosse editora das Cartas do príncipe de Ligne (1809), M^{me} de Staël comunicou à sua linhagem sua feroz reprovação desse “costume que começou, o de imprimir as cartas das pessoas célebres, sem respeito pela sua memória”.⁴⁴ E a sua vontade foi tão bem respeitada que a edição de sua própria correspondência foi por isso bastante adiada. Da mesma forma, segundo os editores mais circunspetos de suas cartas, Taine tomou disposições testamentárias muito precisas, proibindo formalmente a “reprodução de cartas íntimas ou privadas”.⁴⁵ A partir de

⁴³ “A meu ver, o gênero das cartas que M^{me} Sand, novamente em moda, não é um gênero para imitar; não há nessa espécie de literatura nenhuma composição, nenhuma sequência, e esse *laisser-aller* só [*sic*] tem um real valor quando expressa e embeleza as relações reais, íntimas, das quais a morte das pessoas célebres vem tirar o véu. M^{me} Sand, graças a sua extrema celebridade e sua falta de mistério, começou escrever por cartas, a todo mundo, os pormenores amplificados e exagerados de seus sentimentos, de suas amizades, de suas viagens, de suas divagações e até de suas criancices, e a curiosidade, que estava ligada à pessoa do autor, unida ao admirável talento que às vezes valorizava o âmagô, deixou passar tudo. Mas isso só é permitido a ela, e ainda, só lhe é permitido porque somos excessivamente complacentes e obsequiosos sem reserva para com os talentos em moda [...] Em resumo, não acredito que seja possível debutar na literatura imprimindo cartas” (Carta a Mayer, então professor no colégio de Tarbes, 2 de junho de 1837, publicada por Ruth Mulhauser, em “Sainte-Beuve Marginalia: four unpublished Letters”, *The French Review*, vol XXX, 1957-1958).

⁴⁴ Ver o “Avertissement de l’éditeur”, no início das *Œuvres posthumes de M^{me} la baronne de Staël-Holstein*, Paris, Firmin Didot, 1838, p. 2. Essa advertência é manifestadamente escrita por sua filha, M^{me} de Broglie: “Quanto à ideia de acrescentar sua correspondência, nunca passou pela nossa cabeça: e de fato, entre as inúmeras cartas que ela endereçou a seu pai, seus filhos e seus amigos, não há nenhuma que não seja escrita no abandono da intimidade, nenhuma cuja publicação seja considerada por ela como um ataque aos deveres mais sagrados da amizade e da delicadeza.” Cabe denunciar o costume de publicar as correspondências das pessoas célebres como “uma vergonha de nosso século das quais sempre ouvi minha mãe falar com o mais profundo desprezo”. Vem a ameaça: “Aquele que não respeitasse essa vontade que a morte tornou sagrada, não teria desculpas diante de seus próprios olhos, como no tribunal dessa verdadeira opinião pública, cujas decisões são mais cedo ou mais tarde iguais às da consciência”.

⁴⁵ Eis de fato o que lemos no início de *Taine, sa vie et sa correspondance. Correspondance de jeunesse (1847-1853)*, Hachette, 1905 (4^e éd.), p. 2: “Era um dos traços dominantes de seu caráter o horror da publicidade e das indiscrições sobre a vida íntima [...] Não

uma certa época, George Sand não parou de tremer, temendo edições póstumas comprometedoras, limpa suas gavetas para escapar a esses despudores póstumos. Como mostrou Georges Lubin, os vestígios de sua correspondência com Musset guardam traço das lapisadas, das tesouradas, das reescritas falsificadoras que essa preocupação em deixar uma memória filtrada provocou. Mas, muito cedo, desde 1837, ela confessa que esse temor a inibe até na redação de suas cartas:⁴⁶ espiada pela posteridade assim que abre sua escrivaninha. Em Flaubert, a mesma preocupação está na origem do pacto feito com Maxime Du Camp, o de queimar sua correspondência: maneira de evitar o destino póstumo reservado, debaixo de seus olhos, a Mérimée, cujas *Lettres à une inconnue* acabavam de ser publicadas (1874). Pacto, por sorte, não totalmente respeitado. Quanto a Alfred de Vigny, ele inclui as cartas nessa “bagunça” de “ervas daninhas” – rascunhos, notas e bilhetes – que devem ser “arrancadas e queimadas” antes de sua morte, para melhor ressaltar a estátua do escritor e fazer cintilar seu “monumento”.⁴⁷ Mas ao permitir que seu *Journal* seja publicado após sua morte, ele não deixa de provocar advertências póstumas. É a ocasião para um de seus críticos (cuja crítica foi conservada nos documentos de Sainte-Beuve) atacar o fenômeno em seu conjunto:

Quando um bom escritor está morto, tudo o que pode ser recolhido, provindo dele, é cuidadosamente agrupado e reunido em volumes; reviram-se seus papéis, aproveita-se tudo, mesmo suas cartas, as

podia suportar a ideia que uma fotografia, uma entrevista que desse uma ideia de seu lar doméstico, poderiam se espalhar aos olhos do público. [...] Enfim suas disposições testamentárias proibem formalmente qualquer reprodução de “cartas íntimas ou privadas” [...] As únicas cartas ou correspondências que poderão ser publicadas são aquelas que tratam de matérias puramente gerais ou especulativas, por exemplo de filosofia, de história, de estética, de arte, de psicologia; ainda dever-se-á cortar todos os trechos que, de perto ou de longe, dizem respeito à vida privada e nenhuma delas poderá ser publicada sem uma autorização dada por meus herdeiros depois dos cortes operados por eles acima citados”.

⁴⁶ Ver, entre muitas expressões deste temor, ou que se manifesta é uma carta de abril de 1837 a Théodore de Seynes: “Uma das razões pela qual resisto a escrever cartas particulares é a mania de temer o julgamento frio dos indiferentes nas mãos de quem, em um instante de abandono e de *laisser-aller*, pode se tornar, graças aos comentários, um monumento de orgulho e de besteira” (*Correspondance*, éd. G. Lubin, t. III, p. 823).

⁴⁷ *Journal d'un Poète, op. cit.*, t. II, p. 1293.

que ele recebeu, aquela que ele escrevia e da qual ele guardava uma cópia; consequentemente, o segredo das correspondências está violado, até mesmo infelizes indiscrições são cometidas. Mas aqueles que publicam essas correspondências têm certeza de não ultrapassar seus direitos? O que havia sido escrito para um amigo era para o público? O *laisser-aller* da correspondência é digno de ser revelado?

Deus sabe se o que se coleciona ao agir dessa forma vale sempre a pena de ser conservado. Será que não se corre o risco de se publicar futilidades?⁴⁸

Essa raiva seria um sentimento isolado, em um século que imaginamos mais respeitoso em relação ao gênero biográfico? Será? Tons semelhantes se encontram na pluma de Barbey de Aureville, considerado pouco avesso em relação ao gênero epistolar. A edição das cartas de Sainte-Beuve desencadeia nele uma porção de sarcasmos injustos contra o fluxo de palavras vãs, estampilhadas pelo correio, ao que tende a se reduzir à literatura da época:

Sainte-Beuve deixou cartas... *Words, words, words!* Cartas, cartas, cartas! Pois a literatura caminha em cartas agora. Nesse vazio universal que está aí, só vejo isso no horizonte. As cartas, essas espécies de fotografias nas quais somos tão feios e tão danificados quanto na outra, as cartas, eis o que vai logo substituir os livros nessa época, devotada aos *eus* mais engraçados e que preza mais um autógrafo do que a mais bela página, pois uma bela página é algo escrito para todos, e um autógrafo é algo *pessoal!*... Ó egoísmo dos tolos, como eu o adoro! As cartas, esses autógrafos, a seu modo, que são impressas esperando serem litografadas ou gravadas, são, em literatura, o que são, em jornalismo, as fofocas dos *repórters*. Inundação da tagarelice humana!

[...] Portanto, as cartas, essa literatura para todos, é o único interesse intelectual em que se tornou a literatura na sociedade

⁴⁸ Artigo de Louis de Lancel, em o *Mémorial de l'Allier*, 31 de março de 1864, encontrado nos papéis de Sainte-Beuve (Fundo Lovenjoul, D. 567, t. XXX). O autor do artigo cita, como exemplo, um insípido bilhete de Henri Heine, acompanhado por esse comentário: “M. Prudhomme poderia certamente escrever bilhetes absolutamente semelhantes a seus amigos e conhecidos, mas será que ele acharia um editor que custeasse as despesas da publicação de obras epistolares de um realismo tão pouco interessante, eu lhe pergunto?”

francesa e que sobra para esse universo de zeladores. Sim, cartas nas quais uma grande celebridade, por exemplo, dirá, como qualquer uma: “Peço a M^{me} Feray para trazer minhas botinas”, mas é palpitante e é delicioso! e se deve imprimir e publicar isso.⁴⁹

Quanto mais se aproxima do final do século, mais as correspondências vão sofrer rejeições cada vez mais nítidas. A edição e a erudição universitária continuam, certamente, a usá-las como fundo de comércio predileto. Mas na idade do “desaparecimento elocutório” do poeta, a vanguarda literária desdenha-as, posicionando-se contra o biografismo romântico que se tornou obrigatório na universidade. A época de “impassibilidade” que se abre criticará a correspondência por fazer parte da “reportagem universal”. Preconceito que o *Contre Sainte-Beuve* de Proust consolidou, ao rejeitá-la inteiramente para a esfera da conversação e do “eu social”.

Continuidades

Se agora nos voltamos para os defensores do estilo epistolar, ficamos confusos com uma insistência contraditória. Quem conhece os “refrãos” que eram incansavelmente repetidos ao longo dos dois séculos precedentes, de M^{lle} de Scudéry até Philipon de la Madelaine,⁵⁰ está longe de se sentir perdido. Um tema novo, contudo, salta aos olhos: a

⁴⁹ “*Sainte-Beuve*, par M. Jules Troubat” [1872], retomado em *Les Critiques ou les juges jugés*, t. VI da primeira série de *Les Œuvres et les Hommes*, Paris, Maison Quantin, 1887, p. 71.

⁵⁰ Ver M^{lle} de Scudéry (*La Clélie*, 1655, e *La Conversation de la manière d’écrire des lettres*, 1684); Jean-Baptiste Suard, “Du style épistolaire et de M^{me} de Sévigné”, artigo originalmente publicado no *Mercure de France*, em 1778, retomado nos *Éléments de littérature*, 1803, t. III, p. 229-251. Philipon de la Madelaine é o autor de uma obra publicada originalmente sem nome de autor (*Modèles de lettres sur différents sujets*, Lyon, 1761), retomado depois, a partir do ano II, sob a forma de um *Manuel épistolaire à l’usage de la jeunesse*, precedido por uma introdução interessante: “Du style épistolaire”. O livro terá inúmeras edições ao longo do século, pelo menos até 1871. Um artigo recente nos informa que ele era, desde 1804, incluído nas obras que deviam entrar nas bibliotecas dos liceus imperiais. Ver Norbert Saveriau, “La littérature française, discipline scolaire au temps des premiers lycées”, *RHLF*, 1995, n° 5, p. 723. O autor desse artigo refere-se à obra de Barbier: *Catalogue des livres qui doivent composer la bibliothèque d’un lycée*, Paris, imprimerie da République, an XII, 1804, 44 páginas).

ênfase dada à função “emotiva” da correspondência, em detrimento de sua função “comunicativa”.

Quando enunciam preceitos sobre a escrita epistolar, Stendhal, Taine ou George Sand continuam insistindo, da mesma forma que no século precedente, na obrigação do natural. “Não se torture para me escrever frases bem polidas. Não quero isso. Escreve-se sempre bem quando se escreve de forma natural e que se expressa o que se pensa”.⁵¹ É o que Sand ensina a seus jovens amigos, Poncy ou Adolphe Duplomb. É também o sentido dos conselhos dados por Stendhal ou por Taine às suas próprias irmãs, as quais eles se vangloriam de educar por correspondência. Taine pretende que “o verdadeiro estilo de uma carta é escrever o que vem, como vem, sem se preocupar em dizê-lo bem ou mal”. E ele alfineta a propensão que sua irmã manifesta em escrever bem demais, saindo assim dos cânones do estilo epistolar feminino: “Parece-me, algumas vezes, enxergar mais a mão de um homem do que de uma mulher e algumas pessoas achariam-no talvez demasiado expressivo, porque normalmente uma moça deve ter modos de uma mulher sensível e uma alma de seda e de cetim”.⁵² Traduzida no registro burguês, portanto, é de fato a estética da negligência que ainda é o ideal. Da mesma forma, continua-se, como Lanson, a pensar que a carta é mais propícia às tagarelices ou às confidências, “no correr da pluma”, do que à troca de ideias.⁵³ E pouco importa se a realidade escapa em parte a esse imaginário, como tentará mostrar um colóquio em preparação.⁵⁴

Na ideia comum que se tem da correspondência, não se perde de vista esse ideal da grande dama de outrora, que redigia bilhetes de uma elegância impressionante, sem cuidar da ortografia. Sim, decididamente,

⁵¹ Carta a Adolphe Duplomb, 23 de julho de 1830, *Corr.*, t. I, p. 679.

⁵² *Taine, sa vie et sa correspondance. Correspondance de jeunesse (1847-1853)*, Paris, Hachette, 1905 (4^e éd.), t. I, p. 326.

⁵³ “Quanto mais uma carta reveste a forma de uma dissertação ou de um discurso, mais ela perde seu caráter próprio e natural”, observa ele. Mas ele mescla seu pensamento acrescentando: “[...] isso não quer dizer que não tenha benefício intelectual para tirar dela” (“*Sur la littérature épistolaire*”, *op.cit.*, p. 285).

⁵⁴ Um colóquio organizado pela Associação Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Gênero Epistolar, e previsto para maio 1997, sobre o assunto seguinte: “Pensar por cartas”.

a destreza epistolar continua uma questão de bom gosto feminino, de leveza, de graça:

As cartas, essa conversação por escrito, o eco prolongado e contínuo dessa outra conversação de viva voz da qual não resta mais nada quando se acaba; as cartas, essa imortalidade da conversação, são normalmente o triunfo das mulheres, e mesmo das mulheres menos preparadas, ao que parece, para triunfar... Quase todas – é, provavelmente, uma questão de sexo e de organização – mostram em suas correspondências gracejos mentais, humildes ou orgulhosas, facilidades, espontaneidade, finuras, maneiras de dizer ou de insinuar, que, frequentemente, não possuem na conversação ao vivo.⁵⁵

Entende-se a impaciência de Barbey quando não encontra essas qualidades na correspondência de George Sand, “essa mulher que nem mesmo tem o dom concedido às mulheres comuns, que não escrevem, de dizer coisas ínfimas, com a elegante leveza que extrai as coisas sem importância e lhes dá asas”.⁵⁶ Mas esse rude censor critica também esses escritores profissionais, que, sem ter a elegância alada que ela requer, ousam manejar esse “machado”, a correspondência: Tocqueville e também Mérimée, esse “lacônico”. A bela crítica contra ele nos permite ver como se passa de uma concepção sociável, que insiste na graça, no natural e na negligência, para uma concepção individualizada e passional da correspondência. Se Mérimée fracassou na sua, não é por falta de *savoir-faire*, é por falta de humanidade:

Todos os lacônicos devem morrer pelas cartas e eles estão errados ao tocar esse machado. Podem enganar em seus livros, trabalhados durante muito tempo, elaborados com destreza... Mas cartas! cartas, que se escrevem nas negligências da intimidade e seguindo a inspiração, deixam ver melhor o fundo da alma quando se tem uma, e a aridez do fundo, se o fundo for árido. As cartas de Madame de Sévigné das quais tanto se fala, que são apenas graciosas e que poderiam ter sido divinas se a alma da mulher que

⁵⁵ “*Lettres inédites de Sismondi, de Bonstetten, de Madame de Staël et de Madame de Souza*, com uma introdução por Saint-René Taillandier”, *Le Pays*, 13 de março de 1864 (*Litt. épist.*, p. 190).

⁵⁶ “*La Correspondance de Madame Sand*”, *Le Constitutionnel*, 8 de maio de 1882 (*Litt. épist.*, p. 367).

as escreveu tivesse sido mais verdadeira e mais tenra, entretanto, nos dizem perfeitamente a qualidade medíocre da alma que as escreveu com tanta elegância e adulação de amor maternal! [...] As cartas são intelectualmente a pedra de toque de toda superioridade humana, e se o homem for superior em suas cartas, é porque ele é em toda parte, e se for inferior, é porque realmente ele é assim no fundo de sua substância. Vê-se isso claramente em suas cartas. [...] M^{er}imée, o lacônico M^{er}imée, deveria mais do que ninguém ter desconfiado das cartas.⁵⁷

A carta não é mais julgada em função dos critérios da elegância sociável, mas de seu coeficiente de humanidade.

A carta é o homem

O que vale a carta vale o homem: compreendemos aquele que a escreveu e que assim propôs involuntariamente seu retrato tal qual é. Isso equivale a inverter a tendência – que fora a tendência dos dois séculos precedentes – em associar a carta a esta arte eminentemente social, a conversação.

Desde M^{lle} de Scudéry até Philippon de la Madelaine, os diversos teóricos não cessaram de insistir sobre a sociabilidade da escrita epistolar. Mais do que o que se dizia em uma carta, o que importava era o respeito a um certo ritual: o “cerimonial epistolar”. Embora esse ritual tenha-se atenuado um pouco, a partir de M^{me} de Sévigné,⁵⁸ e mais ainda a partir de Voltaire, de fato é a função comunicativa da carta que ultrapassa sua função “expressiva”. Sendo “conversação por escrito”, devia aplicar as regras de educação que proscreviam o “eu odioso” e ordenavam para não pesar ao seu leitor. Por isso, o cuidado para persuadir o receptor de que ele é o grande administrador do universo fictício construído pela carta. Por isso também uma onipresente exigência da brevidade. A

⁵⁷ “Prosper M^{er}imée, *Lettres à une inconnue*”, *Le Constitutionnel*, 2 de fevereiro de 1874, retomado em *Litt. épist.*, p. 231.

⁵⁸ Mas sobretudo no século XIX, como observa um autor de manual epistolar, em 1856: “O cerimonial das cartas simplifica-se a cada dia” (Antonin Roche, *Du style et de la composition littéraire*, citado por Volker Kapp, “L’art épistolaire dans les manuels scolaires du XIX^e siècle”, em *L’Épistolarité à travers les siècles. Geste de communication et/ou pratique d’écriture*, Colloque de Cerisy, 1987, sous la direction de Mireille Bossis, 1990, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, p. 125).

jovem Aurore Dupin herdou-a de sua avó e revela-a em suas cartas de juventude a suas aristocráticas companheiras de convento, para mostrar bem que ela entendeu que a elegância e a educação dependem do ritmo. Em contrapartida, é no regime da carta-confissão que se situa a longa epístola a seu marido – trinta páginas! –, de novembro de 1825. Mas já é essa disciplina aristocrática da brevidade que as cartas infinitas e monódicas de Oberman (1804) decidiram reverter: tal “prolixidade” é um sinal formal de romantização epistolar.

Mas o melhor índice da entrada do gênero epistolar no continente romântico talvez esteja no título com o qual Chateaubriand coroa sua irmã Lucile. Suas raras produções epistolares, nas quais se manifesta “o mistério do estilo”, são a obra, como ele diz, de uma “Sévigné da solidão”, que tinha a “paixão do túmulo”.⁵⁹ Belo atalho que permite simbolizar, não a prática epistolar real que será a dos românticos (ela permanecerá por muito tempo de acordo com os modelos convencionais, como testemunham as cartas do próprio Chateaubriand), mas *o imaginário romântico da carta* – o qual, como era de se esperar, vai influir sobre a prática epistolar concreta. Segundo essa nova fantasia, é um “eu” solitário, confidencial, que se expressa na carta, como em *Werther* ou em *Oberman*. O epistológrafo não é mais um simples prosador, mas um “artesão de si”:⁶⁰ vê-se no espelho de seus correspondentes e a carta torna-se para ele uma forma disfarçada de confissão.⁶¹ Por isso, a tendência em confundir, em um mesmo setor bibliográfico, Memórias e

⁵⁹ *Mémoires d'outre-tombe*, II^e partie, livre III, chap. I, éd. du Centenaire, Garnier-Flammarion, t. II, p. 103.

⁶⁰ A expressão é de Bernard Beugnot (“De l’invention épistolaire: à la manière de soi”, em *L’Épistolarité à travers les siècles*, éd. Mireille Bossis, Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 1990, p. 27-38). B. Beugnot explica de maneira muito correta que nas cartas “a invenção da expressão depende primeiramente da escolha de posições e de posturas epistolares que vão fixar um tom e um registro” (p. 31).

⁶¹ Segundo Volker Kapp, a carta, no século XIX, “cessa de ser um “gênero feminino”. Torna-se um gênero preferido das almas sensíveis, que derramam suas emoções mais íntimas autorizando-se cartas autênticas da grande epistológrafa do patrimônio francês. A carta familiar transmuta-se em confissão e sucede à carta galante do século XVII e à carta filosófica que predomina no século XVIII” (“Deux problèmes de l’art épistolaire au XIX^e siècle: besoin de communication et exigence stylistique”, *CAIEF*, n^o 39, 1987, “L’Art épistolaire”, p. 182). Haveria muito para acrescentar a essas visões um pouco esquemáticas, porém corretas.

Correspondências. Por isso também as contínuas contaminações entre objetos pertencentes a essas duas categorias.⁶²

Eis a correspondência reduzida a um duplo solilóquio. Se ele é escritor em outras ocasiões, o epistológrafo deve supostamente se mostrar nela sob um ângulo mais familiar que em suas obras. O que a carta permite descobrir é “a pessoa”. Não somente a “pessoa sociável”, como dirá Lanson, que permanece voltado para a idade clássica,⁶³ mas também o ser íntimo. Conquanto se encontre mais do que um esboço na pluma de Suard,⁶⁴ a ideia é nova. E todos a lembram em seu próprio estilo. “Não há nenhum gênero de escrita que possa substituir mais o conhecimento pessoal”, afirma M^{me} de Staël em seu prefácio às *Lettres et pensées* do Príncipe de Ligne”.⁶⁵ Em sua biografia de Ducis, Campenon aplica a sentença de Buffon ao estilo epistolar (disfarçando-o, como de costume): “[...] se o estilo é o próprio homem, é sobretudo no rápido abandono do comércio epistolar”.⁶⁶ George Sand que, ainda em vida, foi a primeira a ter a ousadia de expor publicamente o conteúdo de sua escrivinha, legítima assim seu gesto: “[...] para quem se interessasse pelas secretas operações do coração humano, certas cartas familiares, certos atos, aparentemente insignificantes, da vida de um artista, seriam o prefácio

⁶² Só quero tomar como prova disso o tratamento que se dá às cartas de juventude de Francisque Sarcey, editadas como constituindo seu Jornal, a custo de um profundo remanejamento de seu texto original (*Journal de jeunesse, 1839-1857, recueilli par Adolphe Brisson, Bibliothèque des annales politiques et littéraires, [s.d.]*).

⁶³ Segundo Lanson, “as qualidades literárias de uma carta não são [...] nada além das qualidades sociais da pessoa” (*op. cit.*, p. 260).

⁶⁴ Segundo ele, de fato, “o estilo epistolar é aquele que convém à pessoa que escreve e às coisas que ela escreve” (*op. cit.*, p. 229). Portanto, não se deve imitar ninguém, nem mesmo Cícero ou M^{me} de Sévigné, “pois só se tem verdadeiramente um estilo quando se tem aquele de seu próprio caráter e da forma natural de sua mente, modificado pelo sentimento que temos ao escrever” (*ibid.*, p. 250).

⁶⁵ “Um livro sempre é feito conforme um sistema ou outro, que coloca o autor a certa distância do leitor. Pode-se adivinhar bem o caráter do escritor; mas seu próprio talento deve colocar um tipo de ficção entre ele e nós. As cartas e os pensamentos sobre diversos assuntos que publico hoje retratam ao mesmo tempo o devaneio e a familiaridade da mente” (Prefácio para as *Lettres et Pensées du Prince de Ligne*, publicadas em 1809, *Œuvres complètes de M^{me} la baronne de Staël-Holstein*, Firmin Didot, t. II, 1838, p. 260).

⁶⁶ *Essais de mémoires, ou Lettres sur la vie, le caractère et les écrits de J.-F. Ducis*, endereçadas a M. Odogharty de la Tour, Nepveu, 1824, p. 198.

mais explícito, a mais clara exposição de sua obra”.⁶⁷ No final do século, enfim, Gustave Lanson, que privilegia o que ele chama do “interesse psicológico” das correspondências, dá esse grito do coração: “e o que é uma carta, a não ser alguns movimentos de uma alma, alguns instantes de uma vida, captados pelo próprio sujeito e inscritos no papel?”⁶⁸ Mas é de fato Sainte-Beuve e Barbey de Aureville que melhor expressaram essa ideia diretriz segundo a qual a carta revela o ser profundo.

Na obra de Sainte-Beuve, o desbravador, o privilégio das correspondências é o serem elas a principal via de acesso ao gênero biográfico. Elas fazem parte dessa(s) “produção(ões) direta(s)” da alma que o crítico-retratista deve conhecer bem para imaginar um escritor “no cotidiano e no ritmo comum de seus sentimentos e de seus pensamentos”.⁶⁹ Se o autor cria, em suas obras, uma personagem fictícia, ele se desnuda no “dia a dia” de sua correspondência. Dessa forma, pode-se esperar, da publicação da correspondência de Vauvenargues, que certas páginas insignificantes, em sua obra, venham “restituir o seu caráter biográfico e pessoal, que doravante as tornará vivas”.⁷⁰ Nas mãos de um crítico especialista, a carta possibilita reanimar frias estátuas.

Em relação a Barbey de Aureville, quando ele esquece seus ímpetos de raiva contra a invasão das cartas na literatura, coloca uma paixão de *voyeur* nesses *stripteases* possibilitados por elas. Nada de procurar o homem privado na bonomia de seu interior. Se irrita ao entrever “na touca de dormir de sua correspondência”, “Sand de chinelos”, “em um penhoar e em um desleixo terríveis para sua glória”.⁷¹ *Intus et in cute*, tal é sua maneira de ser, assim como a de seu inimigo íntimo, Rousseau. “A correspondência

⁶⁷ Prefácio das *Lettres d'un Voyageur* (1836), Œuvres autobiographiques, Gallimard, “Bibliothèque de la Pléiade”, éd. G. Lubin, t. II, p. 646.

⁶⁸ “*Correspondance inédite du Roi Stanislas-Auguste Poniatowski et de Madame Geoffrin*, publiée par M. Charles de Mouy”, *Le Constitutionnel*, 3 de agosto de 1875, (*Litt. épist.*, p. 279).

⁶⁹ “*La Comtesse d'Albany*, par Saint-René Taillandier (suite et fin)”, 31 de agosto de 1863 (*NL*, t. V, p. 416).

⁷⁰ “Œuvres de Vauvenargues, publiées par M. Gilbert (fin)”, 7 de setembro de 1857 (*CL*, t. XIV, p. 55).

⁷¹ “*La Correspondance de Madame Sand*”, *Le Constitutionnel*, 8 de maio de 1882 (*Litt. épist.*, p. 366).

é um confessorário”, exclama um dia esse examinador de almas,⁷² retomando sem sabê-lo uma frase dos Goncourt (que encontraremos mais adiante). Nele, é da alma que, realmente, se trata, mais do que de verdades fisiológicas ou de confidências picantes, como se dá em seus sucessores. E quando considerada fútil, a alma é condenada. Muito impiedosamente porque, em uma correspondência, “o sujeito é o próprio homem que escreve. É sua maneira de ver e de julgar a vida”.⁷³

São vítimas desse jogo da verdade Sand, Mérimée, ou Tocqueville, mas também Silvio Pellico. Por conseguinte, a conclusão tirada a respeito de suas cartas decepcionantes:

Aliás sempre é assim com as correspondências. Elas nunca deixam um homem no lugar onde esse homem estava. Ou elas o enobrecem, ou o rebaixam, ou até mesmo o apagam. Elas são a melhor verificação dos méritos superestimados. Mostram o homem em uma verdade mais sincera, e a História sai ganhando, se o homem sai perdendo – o que é preferível!⁷⁴

Em proporção menor é também vítima Stendhal, porque “a tirania dos hábitos da mente” criou nele “uma sinceridade de segunda mão”: sua correspondência não mostra o que está “por trás da máscara”.⁷⁵ Ao contrário, foram aprovados M^{lle} de Condé, o abade Galiani, Benjamin Constant, Balzac, Lamennais e, por fim, Horace Walpole. Não dizia ele que sua própria vida tinha “sido apenas uma longa carta”? Como todos seus pares, “gostava de se revelar sob essa forma de cartas, verdadeiramente mágica, pois evoca e faz aparecer o homem em sua palpitação mais íntima”.⁷⁶

⁷² “Prosper Mérimée, *Lettres à une inconnue*”, *Le Constitutionnel*, 2 de fevereiro de 1874, retomado em *Litt. épist.*, p. 231.

⁷³ “Œuvres et correspondances inédites de Alexis de Tocqueville”, *Le Pays*, 22 de janeiro de 1861 (*Litt. épist.*, p. 167).

⁷⁴ “Lettres de Silvio Pellico”, *Le Pays*, 6 de agosto de 1857 (*Litt. épist.*, p. 69).

⁷⁵ “Œuvres posthumes de Stendhal, avec une introduction par P. Mérimée”, *Le Pays*, 18 de julho de 1856 (*ibid.*, p. 35-49).

⁷⁶ “Lettres de Horace Walpole”, *Le Constitutionnel*, 21 de setembro de 1874 (*ibid.*, p. 242).

O estilo a nu

Para terminar, restaria a questão de fundo, que mereceria por si só mais do que um artigo: Como se regulamentaram as relações entre o gênero epistolar e o literário no século XIX? Indiscutivelmente, a moda das correspondências de escritor inscreve-se em um movimento geral de “antropologização” da literatura. É essa a razão pela qual uma profunda mudança da paisagem epistêmica em que se inscreve a carta – e que teve consequências aparentemente contraditórias. Por um lado, contrapõe-se, com efeito, o natural “íntimo” da carta à preparação do texto literário; mas, inversamente, convida-se também a repensar o conjunto da literatura baseado no clima ideal que a “literatura epistolar” cria nesse conjunto.

Alguns se negam a considerar que a carta faz parte da literatura. Conhece-se o julgamento peremptório de Lanson:

Non há arte epistolar. Não há gênero epistolar: pelo menos no sentido literário da palavra gênero [...] A forma epistolar, nas verdadeiras cartas, não é uma forma estética escolhida propositalmente para despertar uma certa ordem de sentimentos ou expressar um certo tipo de beleza; não é uma intenção de arte, a ideia preconcebida de um efeito para produzir, que faz com que seja a preferida, é a necessidade material e bruta que a impõe. Escreve-se o que não se pode dizer e ponto final.⁷⁷

Porque continuou um escritor afetado em sua correspondência, Tocqueville é condenado: “Guarda-roupa das ideias” vigentes, suas cartas conservaram “o vinco de seus livros”! Não se acha “nenhuma das qualidades que fazem de uma correspondência algo tão vivo, tão íntimo, tão aberto sobre si: a espontaneidade, a negligência amável, a graça, a inocência, a impetuosidade de movimento, as criancices adoráveis das mentes poderosas que gracejam com força, como reis com seu cetro ou

⁷⁷ “Sur la littérature épistolaire”, *op. cit.*, p. 260. Isso significa continuar uma tradição antiga de afirmação da extraterritorialidade do estilo epistolar em relação às categorias da retórica. Suard a reivindicava desde então: “Para que servem essas distinções de gêneros e de tons que conseguiram introduzir na literatura. Quer-se reduzir tudo em classes e em gêneros [...] O natural e a desenvoltura formam, portanto, o caráter essencial do estilo epistolar; a busca de espírito, de elegância ou de correção é nele insuportável” (“Du style épistolaire et de Mme de Sévigné”, *Mélanges de littérature*, 1803, t. III, p.229-231).

sua espada”.⁷⁸ Enquanto o gênio epistolar consiste na “espontaneidade da pluma”, e deve respeitar a dinâmica da mente e do humor, é um defeito típico das “escritoras sem talento” o fato de “compor” suas cartas, como confessa às vezes M^{me} Roland,⁷⁹ ou de semear nelas “páginas ambiciosas de política e de moral”, como fez George Sand.⁸⁰ Pelas mesmas razões, ridicularizam-se esses epistológrafos que burilam seu estilo (Buffon),⁸¹ guardam cópia de seus menores bilhetes (Chateaubriand e Flaubert),⁸² ou corrigem suas cartas para imprimi-las (Paul-Louis Courier).⁸³

Muitas vezes feminino, o talento epistolar dá as costas para a literatura. Mas a imagem da mulher mudou: alma machucada, balbuciante, e não mais elegante tagarela. Assim “o mérito inapreciável das Cartas de M^{lle} de Lespinasse” se explica, pelo fato de “que não se encontra nelas o que se encontra nos livros e nos romances”, “o drama puro sem afetação”: “[...] a superfície da vida de repente rasga-se e lê-se

⁷⁸ “Œuvres et Correspondances inédites de Alexis de Tocqueville”, *Le Pays*, 22 de janeiro de 1861 (*Litt. épist.*, p. 176-177).

⁷⁹ A confissão é feita por meio de uma frase inocente, mas Sainte-Beuve a leva a sério. Apesar de todas as denegações de Manon, entrevê em várias ocasiões “o prenúncio de um autor” (*Portraits de femmes*, ed. citada, p. 199).

⁸⁰ Barbey de Auvilly, “La Correspondance de Madame Sand”, *Le Constitutionnel*, 8 de maio de 1882, *Litt. épist.*, p. 374.

⁸¹ Segundo Barbey, embora Buffon tenha proclamado que “o estilo é o próprio homem”, “não teria sabido escrever uma carta. Teria feito dela um livro, sem sombra de dúvida” (“Œuvres posthumes de Lamennais: la Correspondance”, *Le Pays*, 15 de dezembro de 1858, *Litt. épist.*, p. 81).

⁸² O *Victor Hugo raconté* acusa Chateaubriand de ter mandado seu secretário Pilorge pegar a cópia de suas cartas (*O.C.*, CFL, t. I, p. 987). O *Journal* dos Goncourt acusa esse grande normando que Flaubert é de ter agido da mesma forma, apesar de demonstrar a despreocupação em relação a isso (*Journal*, Robert Laffont, col. “Bouquins”, t. II, p. 251).

⁸³ A respeito da edição dessas “cem cartas que datam de 1804 a 1812 e que compõem suas verdadeiras memórias durante esse lapso de tempo”, ver o comentário de Sainte-Beuve: “Courier fez para suas cartas o que Plínio, o Jovem, havia feito pelas suas, com essa única diferença que ele as dispôs por ordem cronológica. Provavelmente, as terá tirado das mãos daqueles a quem as havia escrito para colecioná-las, ou as refez, as corrigiu à vontade, conforme seus próprios rascunhos conservados. [...] Cartas assim refeitas e retocadas deixam sempre algo a desejar, eu sei bem: elas não têm a mesma autoridade biográfica que cartas muito inocentes, escritas no correr da pluma, esquecidas no fundo de uma gaveta e reencontradas no momento em que menos se pensa nelas” (“Paul-Louis Courier”, 26 de julho de 1852. *CL*, t. VI, p. 264).

a nu”.⁸⁴ Mesma atitude por parte de Barbey diante das *Lettres intimes de Mademoiselle de Condé*: “Hesitamos em escrever a palavra ‘literatura’ a respeito de um livro desse tipo, pois, reunidas em livro, essas cartas, no fundo, não são um livro. Nada da arte de escrever [...] nessa coisa adorável para a qual se procura um nome, difícil de se achar.” Nessas “cartas castas”, nas quais ouvem-se “os últimos suspiros de uma alma celeste”, expressos por uma “pobre e pequena pluma que se ignora a si própria”,⁸⁵ estamos bem longe do “sentimento da literatura” que tinham, à sua maneira, até M^{lle} de Lespinasse, “essa exaltada”, ou mesmo Eugénie de Guérin, “a ingênua do Cayla”.

Ao ler-se Sainte-Beuve e Barbey, vê-se quanto foi forte a tentação de procurar no âmbito das correspondências um espaço virgem, situado fora das circunscrições da literatura, e protegido de suas imposturas. Mas, por parte de críticos tão especialistas, esse gesto levou, necessariamente, a um outro resultado: fazer das correspondências uma “literatura em penhoar”, libertada das dependências retóricas da obra. É o que sugere uma frase de Lamartine, outro grande diletante das correspondências: “As cartas é o estilo a nu; os livros são o estilo vestido”.⁸⁶ Longe de permanecerem confinadas no saguão, as cartas de um escritor vão ser então tratadas como uma literatura paralela, suscetível de mobilizar novamente a outra, a oficial. Sobretudo mais excitante, porque ela guarda a marca da pulsação do vivido. Literatura transversal, eternamente incoativa, mas à qual todos os outros gêneros têm de se alinhar: como se toda obra literária no final de contas fosse apenas uma carta, um pouco cerimoniosa às vezes, reconquistando seu verdadeiro natural somente quando manifesta as “divinas negligências” do estilo epistolar. “Literatura espontânea e natural”, dirá Sainte-Beuve, para quem a literatura “parece ter mais sabor apenas quando provém de alguém que não desconfia que está fazendo literatura”.⁸⁷

As cartas seriam, portanto, essa literatura inconsciente, a única a ter “sabor”, literatura capaz de apimentar, com um simples contato, os

⁸⁴ “*Lettres de Mademoiselle de Lespinasse*”, 20 de maio de 1850 (CL, t. II, p. 141).

⁸⁵ “*Lettres intimes de Mademoiselle de Condé à Monsieur de La Gervaisais*”, *Le Constitutionnel*, 10 de março de 1879 (Litt. épist., p. 319-321).

⁸⁶ *Cours familier de littérature*, “Entretien VII: Madame de Sévigné”, Paris, Chez l’auteur, 1856, t. II, p. 136.

⁸⁷ “Horace Vernet”, 3º artigo, 1 de junho de 1863 (NL, t. V, p. 110).

pratos mais convencionais. Por isso, a multiplicação das frases que tentam dizer o benefício de prazer que fornecem “essas deliciosas coletâneas chamadas de *Correspondências*”.⁸⁸ Para essas “adoráveis[s] coisa[s]” pelas quais somos loucos,⁸⁹ cada um revela seu amor segundo o protocolo que prefere: o simples “gosto”, a degustação metódica que se deleita em “acabar até a última gota”,⁹⁰ a fidelidade de sempre (“Sempre amei as correspondências”), a paixão, a sedução mágica,⁹¹ o amor outonal: para Barbey, as correspondências são esses “tons pastéis empalidecidos, esses arco-íris logo desvanecidos, que [...] como as loiras que foram resplandecentes e que a sociedade chama de “*passadas*”, agradam ainda mais às almas sensíveis”.⁹²

As cartas, novas zonas erógenas no espaço literário. Se for de fato a partir da literatura que são avaliadas, é para estabelecer a superioridade das “correspondências, essas coisas mais preciosas que os livros”.⁹³ Todos concordam sobre esse ponto: Lamartine, Sainte-Beuve, os Goncourt, Barbey. “Para os interessados na natureza humana, [...] para os mais preocupados pela vida e seu impaciente mistério do que pelas bagatelas mentirosas da arte de escrever, as correspondências são os verdadeiros livros”.⁹⁴ Elas vencem até o novo gênero-rei, o romance, mesmo que se tornem elas mesmas um tipo de romance vivido. Para George Sand, as cartas de seu próprio pai deram-lhe “um prazer que nunca lhe proporcionaram as ficções do romance”.⁹⁵ Sentimento que Bourget terá diante da correspondência de Balzac, “interessante como

⁸⁸ Ver Barbey, *Litt. épist.*, p. 319 e p. 39.

⁸⁹ *Litt épist.*, p. 296 (a respeito das cartas de Xavier Doudan).

⁹⁰ “*Correspondance inédite de la comtesse de Sabran et du chevalier de Boufflers*”, *Le Constitutionnel*, 17 de março de 1875 (*Litt. épist.*, p. 259).

⁹¹ Texto de Barbey já citado: “*Œuvres posthumes de Stendhal, avec une introduction par P. Mérimée*”, *Le Pays*, 18 de julho de 1856 (*Litt. épist.*, p. 39).

⁹² “*Mélanges et Lettres*, par M. X. Doudan”, *Le Constitutionnel*, 16 de outubro de 1876 (*Litt. épist.*, p. 296).

⁹³ Barbey de Aureville, “Prosper Mérimée, *Lettres à une inconnue*”, *Le Constitutionnel*, 2 de fevereiro de 1874 (*Litt. épist.*, p. 216).

⁹⁴ “*Œuvres posthumes de Lamennais: la Correspondance*”, *Le Pays*, 15 de dezembro de 1858 (*Litt. épist.*, p. 81).

⁹⁵ *Histoire de ma vie, op. cit.*, t. I, p. 179.

um romance”, “o mais tocante [...] daqueles que Balzac compôs, o mais real, e que serve de exemplo a todos os outros”.⁹⁶

Mas o século XIX não esquece, simultaneamente, que é também o século da História: os novos *frissons* que ele espera das correspondências não são separáveis dos ensinamentos histórico-psicológicos que elas prometem. Semiliteratura, semi-história, semitexto de prazer, semidocumento trêmulo, a carta é o acesso cirúrgico a verdades incorporadas. E cabe aos Goncourt a última palavra, pelo seu admirável prefácio dos *Portraits intimes du dix-huitième siècle*, com um tom estranhamente hugoliano. Da “carta autógrafa”, dão uma interpretação que insiste sobre seu valor em termos de “ego-história” (como se diria), mas que faz vibrar em conjunto todas as emoções que o século XIX teve em relação ao gênero epistolar:

Os séculos que precederam nosso século só demandavam ao historiador a personagem do homem e o retrato de seu talento. O homem de Estado, o letrado, o poeta, o pintor, o cientista ou esse especialista eram mostrados somente em seu trabalho e em suas atividades públicas [...]. O século XIX demanda o homem que era esse homem de Estado, esse militar, esse poeta, esse pintor, esse cientista ou esse especialista. Exige, reclama a alma que estava nesse ator, o coração que viveu por trás dessa mente; e se ele não puder recolher todo esse ser moral, toda a vida interior, pede pelo menos que lhe tragam um rastro, um dia, um farrapo, uma relíquia. Eis aí a nova curiosidade da história e o novo dever do historiador [...] a história íntima; [...] esse romance verdadeiro que, talvez, a posteridade chame um dia de *a história humana*.

Mas onde procurar as fontes novas de tal história? Onde surpreendê-la, onde ouvi-la, onde escutá-la, onde confessá-la? Onde descobrir as imagens privadas? Onde retomar a vida psíquica, onde encontrar a consciência íntima, onde recuperar a humanidade desses mortos? Nessa bagatela desprezada pela história dos tempos passados, bagatela, farrapo, ninharia, brinquedo do vento! – a carta autógrafa. [...] Somente a carta autógrafa fará aflorar com o dedo o jogo nervoso do ser sob o choque das coisas, o peso da vida, a tirania das sensações. Somente ela revelará as tendências, os gostos, as inclinações, os instintos, o conselho secreto onde se regulamentam as ações dos homens. Somente ela revelará o porquê e o como dessa obra, dessa vontade transformada

⁹⁶ “Le roman de la vie de Balzac”, *République des lettres*, 24 de dezembro de 1876.

em fato. [...] Somente ela mostrará ao vivo essa saúde mental: o humor. Somente a carta autógrafa será o confessionalário onde os senhores ouvirão o sonho da imaginação da criatura, suas tristezas e suas alegrias, seus cansaços e suas reviravoltas, seus deslizes e seus orgulhos, sua lamentação e sua incurável esperança. Espelho magnífico onde acontece a intenção visível e o pensamento nu! Esse papel borrado de tinta é o tribunal onde é depositada a alma humana. [...] Que ressurreição – a carta autógrafa –, esse silêncio que diz tudo!⁹⁷

⁹⁷ Prefácio dos *Portraits intimes du dix-huitième siècle* (1ª ed., É. Dentu, 1856-1858, citada segundo E. e J. de Goncourt, *Préfaces et manifestes littéraires*, Genève, Slatkine reprints, col. “Ressources”, 1980, p. 162-164.

Data de recebimento: 05 de junho de 2018.

Data de aprovação: 06 de junho de 2018.